



As cartas de Tell El-Amarna e o tráfico de mulheres em Canaã

The Tell El-Amarna letters and the traffic of women in Canaan

José Ademar Kaefer*

Resumo

As 382 cartas encontradas em Tell El-Amarna trazem não somente informações sobre a política administrativa do Egito durante a Era do Bronze Tardio, mas também sobre as transações internacionais que envolviam vidas humanas. O objetivo deste ensaio é mostrar, através das entrelinhas das cartas de El-Amarna, como funcionava o tráfico de mulheres de Canaã para o Egito nesse período. Temos duas situações: uma é o tráfico de mulheres entre o Egito e os grandes reinos, como Assíria, Babilônia e Mittani, e o outro é o tráfico de mulheres das cidades-Estado de Canaã para o Egito. No primeiro caso, o tráfico se dava através de alianças entre os reis e que envolviam o casamento com as filhas da realeza, as quais eram enviadas para o harém deste ou daquele rei. No segundo caso, temos novamente duas situações. A primeira é o envio de mulheres (adolescentes) das cidades-Estado para o Egito. Ou seja, o envio de mulheres ao Egito, para fins diversos, era uma das obrigações dos reis vassallos cananeus. A segunda situação é a compra de mulheres como mão de obra especializada. Neste caso, as mulheres eram treinadas e preparadas para o serviço na corte e depois vendidas.

Palavras-chave: cartas de El-Amarna; Egito; Canaã; mulheres; tráfico.

Abstract

The 382 letters found at Tell El-Amarna reveal not only information about the Egypt's administrative political during the Late Bronze Age, but also information about the international transactions involving human lives. The purpose of this essay is to show, through the lines of El-Amarna's letters, how the traffic of women from Canaan to Egypt during this period worked. We have two situations: one is the traffic of women between Egypt and the great kingdoms, such as Assyria, Babylon and Mittani, and the other is the traffic of women from the city-states of Canaan to Egypt. In the first case, the traffic was through alliances between the kings that involved the marriage with the daughters of the royalty, which were sent to the harem of this or that king. In the second case, we have two situations again. The first is the sending of women, mostly teenagers, from city-states to Egypt. That is, the sending of women to Egypt for various purposes was one of the duties of the Canaanite vassal kings. The second situation is the purchase of women as skilled labor. In this case, women were trained and prepared for service in court and then sold.

Keywords: El-Amarna Letters; Egypt; Canaan; women; traffic.

Artigo submetido em 19 de dezembro de 2018 e aprovado em 20 de abril de 2019.

* Doutor em Sagradas Escrituras pela Universidade de Münster. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo - UESP. País de origem: Brasil. E-mail: jademarkaefer@gmail.com

Introdução

Tell El-Amarna é a antiga cidade de Aketaton construída pelo faraó Amenthotep IV (1352-1336), também conhecido pelo nome de Akenaton, o faraó monoteísta, especificamente para o seu Deus Aton. Quando terminou a construção da cidade, à margem leste do rio Nilo, a 290 quilômetros de Tebas, Amenhotep IV (Akenaton) transferiu para lá a capital do Egito. Na mudança, o ministro das relações exteriores levou consigo as correspondências internacionais do pai de Amenhotep IV, Amenhotep III.

Quando Amenhotep IV (Akenaton) morreu, a cidade de Aketaton (El-Amarna) foi abandonada e junto com ela todas as correspondências internacionais, que, aparentemente, foram jogadas num lixão (MYNAROVÁ 2015, p. 37-46). As cartas permaneceram ali até o final do século XIX da nossa era, quando foram descobertas por William Matthew Flinders Petrie (DAVIS, 2004, p. 28). Depois de sucessivas escavações, que adentraram o século XX, com diversas expedições, foram encontradas um total de 382 cartas, entre fragmentos e cartas bem preservadas.

Com poucas exceções, a escrita cuneiforme das cartas era o acádico babilônico médio, não o egípcio (MORAN, 1989, p. 28; RAINEY, 2015, p. 10-11), e revelou ao mundo como funcionava a relação diplomática entre o Egito e outros reinos do Antigo Oriente Próximo. Mas não só isso, as cartas tratam também das alianças entre os grandes reinos, o contexto político e econômico, a forma de exploração imposta aos reinos vassalos, o que se plantava, o que se colhia, o que se comercializava, com quem, as guerras, os grupos rebeldes etc., etc. De maneira que, as cartas de El-Amarna se tornaram uma das mais importantes fontes de conhecimento da cultura, da política, do comércio e da economia do mundo antigo (MYNAROVÁ, 2015b, p. 412). E mais, ainda que não seja esse o objetivo das cartas, elas deixam transparecer nas entrelinhas situações específicas do cotidiano das pessoas, como é o caso do tráfico de mulheres no segundo milênio antes da nossa era, assunto que será o tema principal deste ensaio.

Figura 1 – Reinos e cidades-Estado com os quais o Egito tinha relação comercial ou impunha seu domínio e mencionados nas cartas de Tell El-Amarna



Fonte: <<https://www.lds.org/scriptures/bible-maps/map-9?lang=por>>.

1 Uma relação de domínio e submissão

A relação do Egito com os grandes reinos, que em determinadas épocas eram concorrentes, como Babilônia, Assíria, Mittani etc., em geral era uma relação amistosa. Mais ou menos de igual para igual. Havia sempre um interesse comum, que era a manutenção dos acordos de paz, de respeito mútuo e, principalmente, de interesse comercial.

Assim, é comum que nas cartas entre ambos a saudação fosse fraterna, de rei para rei e de irmão para irmão. Tomemos como exemplo, entre tantas, a EA 3, carta que Kadasman-Enlil, rei da Babilônia, enviou para Amenhotep III, rei do Egito.¹

¹ Quando não informado, as traduções são feitas do inglês de Anson Frank Rainey. The El-Amarna Correspondence – A new Edition of the Cuneiform Letters from de Site of El-Amarna based on Collations of all Extant Tablets. (RAINEY, 2015).

(1-6)² [Di]ga [a Nibm]u'are'a, rei da terra do Egit[o, me]u [irmão]. [Aqui é Kad]asman-Enlil, rei da terra de Karaduniash, seu irmão. [Está tudo b]em [comigo]. Que com você, sua casa suas esposas, [se]us [filhos], sua terra, suas bigas, seus cavalos, seus [altos ofi]ciais esteja tudo muito bem. (EA 3).

Kadasman-Enlil se autodenomina rei e chama seu colega de rei e irmão, não de senhor e nem de divindade. Parece um tratamento muito normal, de homem para homem e fraterno. Ou seja, nenhum dos dois acredita que o outro seja deus. Isso nunca ocorre nas correspondências enviadas pelos reis das cidades-Estado, como Jerusalém, Guezer, Siquém, Gat etc. Nestas, só existe um rei, que é o faraó, que se faz entender como deus e é reverenciado como tal. Tomemos como exemplo, também entre tantas, a apresentação da EA 320, carta de Yidia, governante da cidade de Asquelon, dirigida ao rei do Egito.

(1-15) [A] o rei, meu senhor, minha divindade, meu deus sol, o deus sol do céu, a mensagem de Yidia, o governante da cidade de Asquelon, seu servo, a sujeira debaixo dos seus pés, o cavaliço do seu cavalo: aos pés do rei, meu senhor, sete vezes e sete vezes eu me prostro fielmente, de barriga e de costas. (EA 320).

O rei da cidade-Estado de Asquelon não se apresenta como rei, mas como governante, ainda que para o seu povo ele fosse rei. E se dirige ao rei do Egito como “meu senhor, minha divindade, meu deus sol”. Ele se autodenomina servo, a sujeira sob os pés do faraó, aquele que cuida e segura o cavalo para o faraó montar,³ que sete vezes, ou setenta vezes (sempre) se deita diante do faraó de barriga e de costas, para que o faraó apoie seus pés sobre ele. Este é o cabeçalho que, com pequenas diferenças, encontra-se em todas as cartas dos reis vassalos das diversas cidades-Estado de Canaã. É uma posição de total submissão e humilhação. Na verdade, esta é a realidade, a posição, em que se encontrava todo o povo cananeu sob o domínio do império egípcio.

Um símbolo que expressa bem esta situação são as sandálias do faraó Tutankamon, encontradas em sua tumba. Na planta de cada sandália estão desenhados dois prisioneiros, um cananeu e um núbio, com os braços amarrados

² Linhas da correspondência.

³ Outras vezes diz “o cão de guarda da sua casa”.

para trás e uma corda no pescoço. Para o faraó, o povo dominado é literalmente a sujeira debaixo dos seus pés, sobre quem ele pisa todos os dias.

Figura 2 – As sandálias de Tutankamon, com cativos de Canaã e da Núbia (apud HENDEL, 2015, p. 65).



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/197314027402655193/>>.

2 O tributo era pago pelos pequenos reinos vassallos

O comércio entre o Egito e os grandes reinos visava principalmente produtos nobres, de consumo da alta classe social de cada país, como diz o nome, da nobreza. Isto é, o Egito não recebia tributo desses reinos.

O tributo, para manutenção do exército, das guerras etc., vinha dos reinos menores, dos vassallos. Estes eram totalmente dominados pelo poder imperial egípcio e obrigados a pagar uma alta quantia tributária anual. Este era o caso das cidades-Estado cananeias. A região de Canaã não tinha riqueza mineral, não tinha minas de ouro, prata e cobre, e por isso todo o seu tributo era agrícola. Isto é, vinha do campo, do trabalhador e trabalhadora camponeses. Essencialmente era trigo, cevada e azeite. Ou seja, o pão de cada dia tirado da mesa do pobre para manter o poderoso exército que o extorquia. Assim escreve, por exemplo, Shipturi, governante de uma cidade-Estado de Canaã ao rei do Egito:

(10-21) Eis que estou cultivando e colhendo, [portanto, eu] continuo ausente [d] e minha cidade [e] estou preparando [azeite] e comida e [cerveja] no aguardo das caravanas do rei, meu senhor, e estou obedecendo a todas as palavras do rei, meu senhor. (EA 226).

Outro produto que ia da roça de Canaã para o Egito era o gado, grande (boi, vaca), pequeno (ovelha, cabrito) e aves. Numa carta que Biridiya, governante de Meguido, escreve ao rei do Egito, diz assim: “(9-13) Veja, eu tenho atendido o pedido do rei, meu [senhor]: 30 bois [x ovelhas e cabras, x pássa]ros...”(EA 242)

Como se pode supor, esta carta é uma resposta a uma carta anterior enviada pelo faraó, onde ele faz os pedidos. Trinta bois é uma quantia grande para a época. O número de ovelhas, cabras e pássaros está corrompido.

Numa outra carta, o mesmo Biridiya se queixa ao rei do Egito de que a guerra com Labayu, um rebelde de Siquém, não o permitia terminar a colheita e nem mesmo podia sair para tosquiá as ovelhas (EA 244,8-20). Portanto, a lã era outro produto que servia de tributo ao império.

Este mesmo Biridiya escreve ainda outra carta (EA 365) ao rei do Egito, onde ele dá a entender como funcionava a corveia, ou seja, o fornecimento de homens e, possivelmente, também mulheres para o trabalho sazonal em grandes obras do faraó. Assim escreve Biridiya:

(8-14): Que o rei, meu senhor, seja informado a respeito do seu servo e de sua cidade. Somente eu estou cultivando na cidade de Shunem e somente eu estou trazendo trabalhadores de corveia.

(15-29): Veja os governantes que estão próximos de mim. Eles não agem como eu. Eles não cultivam em Sunama, e eles não fornecem trabalhadores de corveia. Somente eu, por mim mesmo, estou trazendo trabalhadores de corveia. Eles vem de Yapu (Jope), de [meus] recursos aqui, [e] de Nuribta. (EA 365 In: MORAN, 1987).

Portanto, a construção de cidades e a manutenção do seu cultivo era mais uma das obrigações dos reis vassallos. E o fornecimento de trabalhadores/as de corveia para este fim era uma prática constante. Ainda que, como faz entender a carta, nem todos os vassallos cumpriam sempre fielmente estas ordens.

3 O tráfico de mulheres

Outra forma de pagamento de tributo era o envio de pessoas: homens, mulheres e crianças. Novamente, quando a transação era entre o Egito e os grandes reinos, como Babilônia e Assíria, não se caracterizava como tributo, mas como uma forma de comércio, com interesses e ganhos de ambas as partes. Esta forma, na maioria das vezes, envolvia mulheres para casamento, tema constante nas correspondências entre estes monarcas.

Temos vários exemplos⁴, dentre os quais tomemos a EA 3, carta enviada por Kadasman-Enlil, rei da Babilônia, a Amenhotep III, rei do Egito, de cuja introdução/saudação já vimos acima. Assim dizem as linhas 7-12:

⁴ Das 14 cartas (EA 1 a 14) entre o Egito e Babilônia, 4 tratam especificamente de acordos de casamento com as filhas dos reis (EA 1,2,3,4).

(7-12) A respeito da mulher jovem, minha filha, sobre a qual você escreveu em relação ao casamento, a menina está crescendo, ela está núbil⁵. Envie e que [a] levem embora. No passado, meu pai costumava mandar um enviado e você não o detinha por muitos dias. Você costumava manda-lo de volta rapidamente e você costumava enviar um generoso presente de agradecimento ao meu pai.⁶ (EA 3).

Novamente temos aqui a resposta a uma carta anterior escrita pelo faraó sugerindo o casamento com uma menina, uma das filhas do rei da Babilônia, que antes ainda não estava em idade de casar, agora sim. Kadasman-Enlil está muito interessado no presente que o rei do Egito vai enviar em troca. Estes são dois assuntos que sempre andam juntos: o casamento e o rico dote. A voz da menina, no entanto, não se faz ouvir.

Numa carta anterior (EA 1)⁷, Amenhotep III reclama de que não tem tido notícias de sua irmã e de sua filha, ambas no harém do rei da Babilônia, Kadasman-Enlil. A primeira, enviada por seu pai e a segunda por ele. Amenhotep diz não saber se estão vivas ou mortas.

A carta EA 4, também de Kadashman-Enlil a Amenhotep III, faz menção a uma carta de Amenhotep III onde este desconfia de que a menina enviada por Amenhotep III, pela qual foi exigida uma grande quantia de ouro, não seja filha do rei. Ou seja, as mutretas também estavam presentes nas relações.

E assim seguem várias cartas que tratam essencialmente do envio de mulheres, filhas da realeza, para o harém dos reis, sempre em troca de muito ouro, como é o caso da EA 24, que fala de uma caravana com uma enorme lista de itens enviados por Amenhotep III, rei do Egito, a Tushratta, rei de Mittani, pelo pagamento de uma princesa enviada ao Egito.

⁵ Já em idade para casar.

⁶ A carta segue e o rei da Babilônia se queixa de que da última vez que também enviou um emissário, o faraó o deteve por seis anos até mandá-lo de volta com os presentes. Queixa-se também que na última grande festa promovida pelo faraó, este não o convidou.

⁷ Que nunca foi enviada, possivelmente porque no final do tablete faltou espaço e algumas palavras ficaram faltando (COCHAVI-RAINEY, 2015, p. 1323). Provavelmente outra cópia foi enviada.

4 O tráfico de mulheres de Canaã para o Egito

Para Na'amann (2002, p. 76) o envio de tributos rotineiros era deixado de fora das cartas e que somente pagamentos irregulares eram registrados, normalmente a pedido do faraó ou no intuito de ganhar a simpatia deste e de seus ministros/oficiais. Este parece ser o caso do registro do envio ao Egito de pessoas nas cartas de El-Amarna. Ou seja, enquanto que nas correspondências entre os grandes reinos o tema principal era o acerto de algum casamento e o conseqüente envio da filha de um dos reis, o tema por excelência das cartas dos pequenos reinos das cidades-Estado para o Egito era o pedido de tropas regulares para proteção da cidade e seu território. Contudo, vez por outra, há cartas especiais e estas costumam tratar do envio de pessoas, entre elas, muitas mulheres. Esse envio normalmente segue após um pedido especial do faraó.

Seguem-se alguns exemplos. Citaremos apenas as linhas da carta que correspondem ao envio de pessoas.

Carta enviada por 'Abdi-'Astarti, rei do sul de Canaã, ao faraó. "(14-23) Além disso, o rei, meu senhor, escreveu palavras para mim e eu tenho cumprido. Todas as palavras do rei, meu senhor, eu tenho cumprido. Eis que (envio) dez mulheres..."⁸ (EA 64).

A EA 64 é uma carta enviada por 'Abdi-Astarti (EA 64,1-7), governante do sul de Canaã, talvez da cidade-Estado de Gat (COCHAVI-RAINEY, 2015, p. 1407), ao faraó do Egito. Não está claro se é a Amenhotep III ou a Amenhotep IV. Ela é breve e completa. Além da saudação e submissão costumeiras (linha 1-7), 'Abdi-Astarti informa de que ele está sendo hostilizado, pede proteção ao faraó (8-13) e informa o envio do contingente de mulheres. Percebe-se que a EA 64 é precedida por uma carta enviada a 'Abdi-Astarti, onde o faraó dá ordens a serem executadas "escreveu palavras para mim e eu tenho cumprido". É também nela que ele deva ter pedido o envio das mulheres. Não há menção quanto às características (beleza etc.)

⁸ O sublinhado é nosso.

e finalidade das mulheres. O que faz supor que se trate de mulheres para o trabalho comum.

Outra carta que faz referência ao envio de mulheres e homens ao Egito é a EA 268. “(15-21): [E agora,] eu [enviei sob a autoridade] de Hay[a]: quarenta e seis mulheres servas e cinco servos e cinco ašîrûma para o rei, meu senhor.”

A carta é escrita por Milkilu, governante da cidade-Estado de Guezer, ao rei do Egito. Grande parte da carta está corrompida. É possível que o texto se refira ao envio de dois contingentes (MORAN, 1987, p. 316), talvez um segundo completando o primeiro.

A expressão *ašîrûma*, mais especificamente sua função, continua desconhecida (MORAN 1987, p. 316; COHAVI-RAINEY, 2015, p. 1580; NA’AMANN, 2002, p. 77) traduz por “guardas”, portanto, seria um corpo de homens especial. O número de mulheres é bastante elevado para uma única remessa, principalmente se comparado ao número de servos homens. É possível que esta seja uma resposta ao pedido do faraó feito na EA 369 (NA’AMAN, 2002, p. 77, n. 2). Ainda que o número de mulheres, 46 para 40, não seja exatamente igual, há muita coincidência entre as duas cartas.

Outra carta que trata do envio de mulheres é a EA 301. Esta é uma carta breve e bastante danificada escrita por Shubandu, governante do sul de Canaã (COHAVI-RAINEY, 2015, p. 1604), talvez de Gaza ou Asquelon. Assim dizem as linhas 12-20:

O rei, meu senhor, o deus sol do céu, enviou Haniya para mim e eis que eu tenho atendido as palavras do rei meu senhor, bem cuidadosamente. Eis que eu tenho dad [o] quinhentos bois e vinte meninas. (EA 301 In: MORAN, 1987).

Conforme Moran (1987, p. 342), enquanto o numeral 20 está muito claro, o 500 “bois” é duvidoso, podendo ser 300, que é a opção de Rainey. Em todo caso, 300 ou 500 é uma quantia muito alta. Novamente temos um pedido especial feito em uma carta anterior enviada pelo faraó através do seu emissário Haniya, cujo

nome já aparece em outras cartas (EA 269 e 369), como comandante de tropas regulares do exército. Também aqui não há informação sobre as características e a finalidade das meninas. Parece ser um pedido a mais junto com outras requisições.

Outra carta que trata do envio de mulheres para o Egito é a EA 309, que diz assim: “(18-24): (Ao rei) [..meu] se[nhor...], que [...po]r jovens escravos [...] ce[m]shekels de pra[ta pa]ra o rei, me[u]senhor. Dez escravos e dez servas [...].”(EA 309)

É uma carta bastante danificada, por isso não se sabe quem é o remetente, talvez seja Shubandu, autor das cartas EA 301-306. Conforme a análise petrográfica (GOREN; FINKELSTEIN; NA’AMAN, 2004), a argila dos tabletas é proveniente de Gaza ou Asquelon. Contudo, o pedido e o envio de escravos é bem claro. A carta parece também precedida por outra, onde o faraó ordena o envio de escravos jovens. Há uma ênfase para que sejam jovens, provavelmente meninos e meninas. Junto com o contingente humano vão também cem shekels de prata.

Similar à 309 temos a EA 99, que também tem as primeiras linhas quebradas e por isso não se sabe o nome do destinatário. O remetente é o faraó, que ordena o envio da filha do governante e de outros escravos.

(1-4): [Di] ga [a.. a]šmanu, [o governante da ci]dade de ‘Ammiya: As[si]m o rei.

(5-20): Es [te] tablete eu enviei para você (para) falar a você, portanto guarde! Esteja de guarda no lugar do rei, que está sob sua responsabilidade. Prepare sua filha para o rei, seu senhor, e prepare contribuições: [vin]te escravos fortes, prata, carros de guerra, cavalos saudáveis. Assim, o rei, teu senhor, dirá a ti: Isso é bom o que você tem dado a ele, como contribuição ao rei para acompanhar tua filha. (EA 99).

A cidade de ‘Ammiya é desconhecida, conforme Na’aman (2002, p. 76) ela é uma cidade cananita. Novamente temos uma carta que faz referência a um pedido prévio do faraó. Só que desta vez com menção específica à filha do governante vassalo, que deve ser preparada e enviada ao faraó, acompanhada de várias contribuições, entre estas vinte escravos fortes.

5 O tráfico humano de Jerusalém

O governante de Jerusalém durante parte dos reinados de Amenhotep III e IV (1392-1336) é ‘Abdi-Heba. As cartas de El-Amarna são as únicas informações que temos sobre Jerusalém antes dos textos bíblicos, que só surgiram quinhentos anos depois. São ao todo sete cartas que ‘Abdi-Heba manda escrever aos reis do Egito (EA 285-291). O mais surpreendente é que são cartas longas, principalmente a EA 286 e a EA 287. Pelo conteúdo se percebe que Jerusalém era uma cidade-Estado considerada, possivelmente com importância relativamente maior do que a Jerusalém do período do Ferro I, que seria a cidade atribuída aos reinados de Davi e Salomão.

Há duas menções de envios de escravos de Jerusalém. Uma é a EA 287, que nas linhas 38-52 faz referência ao o envio de um grupo de escravos. Não está claro se estes eram para Gaza ou para o Egito, ou se eram escravos a serviço do exército (NA’AMAN, 2001). Contudo, nas linhas 53-59 está bem claro o envio de um grande número de prisioneiros por ‘Abdi-Heba ao Egito, juntamente com uma grande quantia de prata, num total de oito caravanas. Todo o contingente parece ter sido saqueado na cidade ou planície de Ayalon.

A outra carta que trata do envio de homens e mulheres escravos de Jerusalém ao Egito é a EA 288, também uma carta longa, 66 linhas. Assim dizem as linhas 16-22:

Ad[aya] veio a mim; eu entreguei [para seu] carregamento dez escravos. Shuta, o comissário do rei, ve[io] a mim; eu entreguei para o carregamento de Shuta, vinte moças e [oi]tenta prisioneiros, um presente para o rei, meu senhor. (EA 288).

Ao que parece, a carta informa o envio de duas remessas, um para Adaya e outro para Shuta. Não está claro se são moças (jovens adultas) ou se são meninas (adolescentes). Diferentemente de outras cartas, aqui parece que o envio não foi um pedido do faraó, mas um presente de ‘Abdi-Heba, pelo menos a segunda remessa.

Nas linhas 7-15 desta carta, ‘Abdi-Heba se diz “não ser um governante de cidade, mas um soldado do rei, um fornecedor de tributos para o rei”. Essa é, na verdade, a melhor definição da função dos governantes ou reis das cidades-Estado de Canaã: um soldado do faraó, responsável pela administração do fornecimento do tributo ao Egito.

6 A carta de Guezer

A cidade-Estado de Guezer era uma das maiores de Canaã. Sua localização na alta Shefelá era estratégica para o controle da mais importante rota comercial egípcia, a Via Maris. Guezer consta na famosa estela do faraó Mernepta, do fim do século XIII, com o seguinte dizer: “Canaã foi saqueada e Guezer capturada” (KAEFER, 1912). Durante os reinados de Amenhotep III e IV (Akenaton), havia em Guezer um governador (rei) chamado Milkilu. Ele é o destinatário de uma das mais expressivas cartas referentes ao tráfico de mulheres em Canaã, a EA 369. Quem a envia é o rei Amenhotep IV ou Akenaton (COCHAVI-RAINEY, 2015, p. 1631). Assim diz a carta na íntegra:

(1–2): Para Milkilu, governador de Gezer, assim o rei:

(2–14): Eis que este tablete foi enviado para você a fim de dizer a você: Eis que tenho enviado Hanya, comandante do exército regular, com tudo para a aquisição de bonitas mulheres (fêmeas) copeiras, prata, ouro, roupas de linho, pedras de cornalina, todo (tipo de) pedras preciosas, uma cadeira de ébano, igual, tudo de excelente qualidade. Total: cento e sessenta diban.

Total: quarenta mulheres copeiras.

Quarenta (shekels de) prata é o preço de uma mulher copeira.

(15–23): Então, envie mulheres copeiras muito bonitas, em que não há malícia entre elas, de modo que o rei diga para você: “Isto é excelente, conforme com a solicitação que ele enviou para você”.

(24–27): E seja você informado de que o rei está saudável, como o deus sol; seu exército, seus carros de guerra, seus cavalos, tudo está muito bem. (EA 369).

Esta é uma carta muito valiosa para a compreensão de como funcionava o tráfico de mulheres em Canaã. Elas são um produto caro e requisitado pelo faraó.

Mulheres copeiras é uma categoria social considerável. Não é comum o faraó escrever uma carta somente para a compra de mulheres. Além disso, envia Haniya, comandante do exército regular com o único objetivo de buscar as mulheres.

O livro do Gênesis, na história de José, faz menção ao chefe dos copeiros do faraó e seu padeiro, que foram punidos pelo faraó e enviados para a mesma prisão onde se encontrava José (Gn 40,1.21; 41,9). O cargo de copeiro também parece ter sido exercido por Nehemias (Ne 1,11). Supõe-se que as 40 mulheres de aparência formosa foram requisitadas pelo faraó para esse fim, trabalhar na corte exercendo a função de cozinheiras, padeiras e copeiras.

Portanto, temos aqui uma situação nova, diferente das situações abordadas nas cartas anteriores. As mulheres aqui requisitadas, não são mulheres “comuns”, para serviços diversos, mas mulheres especializadas. Para chegar ao nível de copeira, a mulher precisava ser educada, formada e treinada para este fim. Não era “qualquer camponesa” que podia ser enviada para trabalhar na corte. Além de saber cozinhar, ela precisava conhecer a vida na corte, como servir, como caminhar, como fazer reverência etc. Devia conhecer as normas de segurança e de fidelidade. Por exemplo, as cozinheiras e padeiras deviam cuidar para que a comida do faraó não fosse envenenada. As mulheres do harém tinham o papel de também auxiliar o rei em suas políticas internas, por exemplo, nas disputas pela sucessão. Por sua vez, elas também sabiam como defender seus próprios interesses. Ou seja, as mulheres não eram somente figuras passivas na corte. Tudo isso demandava tempo e um alto custo. Por isso eram compradas.

A importância da carta está também na referência ao custo das mulheres. Ou seja, aquilo que o faraó manda junto com o seu emissário:

Prata, ouro, roupas de linho, pedras de cornalina, todo (tipo de) pedras preciosas, uma cadeira de ébano, igual, tudo de excelente qualidade. Total: cento e sessenta diban. Total: quarenta mulheres copeiras. Quarenta (shekels de) prata é o preço de uma mulher copeira.

Encontramo-nos, pois, em pleno ambiente comercial. E as mulheres são um produto nobre nessa política mercantil. Roupas de linho era um produto fino, de uso somente por pessoas da corte. O Egito era um grande fabricante de roupa de linho, cuja planta era muito cultivada no Delta do Nilo. Também utilizada para enfaixar os mortos para a mumificação, prática corrente no Egito. Evidentemente que havia roupas de qualidades diversas, de menor e maior valor, assim como centros de confecção. O templo e a corte tinham seus próprios tecelões ou tecelãs. Roupas coloridas eram preferidas e mais caras. Novamente, a tecelagem era um trabalho acima de tudo das mulheres.

Além da roupa de linho, o faraó enviou outros artigos de luxo, como pedras de cornalina, e todo tipo de pedras preciosas, que provavelmente eram utilizadas para fazer colares para as pessoas da corte. Chama a atenção também a menção a uma cadeira de ébano, uma espécie de trono real, provavelmente um pedido feito pessoalmente pelo governante de Guezer. O Egito importava essa madeira de cor negra, muito resistente, da África, como da Núbia e Punt. Enfim, quarenta mulheres são comercializadas unicamente para pagar as regalias da corte de um pequeno vassalo em Canaã, chamado Milkilu.

A carta é valiosa ainda porque dá o preço das mulheres. O total do pagamento é de cento e sessenta dibans, que era uma medida de peso egípcia. Enquanto que um shekel representava 9 gramas, o diban somava 91 gramas, portanto, um diban totalizava 10 shekels (MORAN, 1987, p. 366). Assim, $160 \text{ dibans} \times 10 \text{ shekels} = 1600$. Uma mulher copeira custava 40 shekels. Ou seja, $40 \text{ shekels} \times 40 \text{ mulheres} = 1600 \text{ shekels}$.

Por fim, chama a atenção o fato de que o faraó mencione especificamente de que além de bonitas, as mulheres fossem sem malícia⁹. Se a tradução de Rainey é correta, devemos supor de que, por experiências passadas, nem todas as mulheres se submetiam a tudo na corte egípcia. Por isso era fundamental que fossem de

⁹ Moran (1987, p. 366) prefere traduzir por “defeito”: “muito bonitas e nas quais não haja defeito”. Na’aman endossa essa tradução e cita como referência a carta de Mari (ARM X 126), na qual Zimrilim instrui sua esposa Shibtu a selecionar “bonitas tecelãs, as quais não têm defeito da unha do pé até o cabelo da cabeça”.

confiança e não se aproveitassem da proximidade que poderiam ter com o faraó para, por exemplo, envenená-lo. Que estivessem dispostas a servi-lo fielmente e, caso necessário, dar a vida por ele. Temos exemplos na Bíblia que ilustram este particular, como o episódio do copeiro e do padeiro do faraó do Egito, narrado em Gn 40, e de Neemias, na corte do rei da Pérsia (Ne 1). É possível que estrangeiros e estrangeiras fossem preferidos para tal função por não terem vínculo familiar local, que pudesse levá-los a defender interesses de grupos e famílias contrários aos interesses do rei. Finalmente, é preciso considerar também que ser levada para outra terra, longe de casa, para servir de padeira, cozinheira ou no harém não fosse necessariamente um infortúnio, mas uma oportunidade para alcançar aquilo que não era possível obter em sua terra natal.

Conclusão

Depois da morte de Amenhotep IV (Akenaton), a cidade que ele construiu, El-Amarna, para ser a cidade do Deus Aton e capital do Egito, foi abandonada pelo seu sucessor, que, para acabar com a revolução de Akenaton, restituiu o culto a Amon-Ra no lugar de Aton. Ao abandonar a cidade abandona também as correspondências internacionais de seus antecessores. As cartas permaneceram ali por mais de três milênios. Quando foram encontradas, no final século XIX e início do século XX, trouxeram à luz grande quantidade de informações desconhecidas até então. Parte destas informações se refere ao tráfico humano, em especial de mulheres, das cidades-Estado de Canaã para o Egito. De maneira que, como visto, as cartas deixam evidente de que o tráfico de mulheres era uma prática constante. Enquanto que entre o Egito e os grandes reinos, como Babilônia, Assíria e Mittani, os acordos que envolviam mulheres se referiam basicamente a casamentos do rei com alguma princesa, que conseqüentemente era transferida para o harém daquele, a relação entre o Egito e os reinos vassalos era comercial. Mulheres eram um produto de alto valor para a aquisição de favores do faraó ou para a prova de fidelidade e de boa administração. Ainda que as cartas se refiram a um período breve da história egípcia, correspondente aos reinados de somente dois reis,

Amenhotep III e Amenhotep IV (Akenaton), as informações são mais que suficiente para se ter uma ideia clara da dimensão desta rede comercial internacional.

Apesar da crise que se instaurou com Akenaton, após a morte deste, o Egito se recuperou e continuou dominando a região do Levante. Depois de El-Amarna temos períodos de grande desenvolvimento no Egito. Basta mencionar o poderoso império de Ramsés II (1279-1212). Ou seja, a exploração impiedosa de Canaã e territórios adjacentes, que incluía o tráfico de mulheres, continuou século após século. De aí se entende o porquê, por exemplo, da tradição do Êxodo adquirir tanta força na história do povo de Israel enquanto movimento de libertação da opressão egípcia. Contudo, o tráfico de mulheres não termina com o fim do império egípcio, ele continua sendo praticado com igual e até maior intensidade nos impérios subsequentes. Depois do Egito vem Aram-Damasco, Assíria, Babilônia, Ptolomeia/Selêucida, Roma, quando entra na era cristã. Faz somente um pouco mais de um século que o tráfico humano passou a ser ilegal no Brasil. Aí, então, encontrou-se uma forma camuflada para manter a prática, que malditamente continua bem viva até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

BEN-TOR, Daphna (Org.). **Pharaoh in Canaan**. The untold story. Jerusalém: The Israel Museum, 2016.

COHAV-RAINEY, Zipora (Ed.). **The El-Amarna correspondence** – A new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets. Vol. II. Leiden: Brill, 2015.

DAVIS, W. Thomas. **Shifting sands: the rise and fall of biblical archaeology**. New York: Oxford University Press, 2004.

FINKELSTEIN, Israel; GOREN, Yuval; NA'AMAN, Nadav. **Inscribed in Clay: provenance study of the Amarna letters and the other ancient Near Eastern texts**. Tel Aviv: Emery and Clair Publications in Archaeology, 2004.

HENDEL, Ronald. The exodus as cultural memory: Egyptian bondage and the song of the sea. In: LEVY, T. E. *et al.* (Ed.). **Israel's exodus in transdisciplinary perspective**,

quantitative methods in the humanities and social sciences. Suiça: Springer International Publishing, 2015, p. 65-77.

KAEFER, José Ademar. **Arqueologia das terras da bíblia.** São Paulo: Paulus, 1912.

MORAN, William L. **The Amarna letters.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.

MYNAROVÁ, Jana. Amarna palaeography project. The current state of research. In: MYNAROVÁ, Jana; ONDERKA, Pavel; PAVÚK, Peter (Org.). **There and back again – the crossroads II.** Praga: Charles University in Prague, Faculty of Arts, 2015b, p. 409-422.

MYNAROVÁ, Jana. Discovery, research and excavation of the Amarna tablets – the formative stage. In: RAINEY, Anson F. **The El-Amarna correspondence – “A new edition of the cuneiform letters from de site of El-amarna based on collations of all extant tablets”.** Leiden: Brill, 2015, p. 37-46.

NA’AMAN, Nadav. Dispatching canaanite maidservants to the pharaoh. **Ancient Ancient Eastern Studies 39**, Peeters, p. 76-82, 2002.

NA’AMAN, Nadav. Jerusalem in the Amarna period. In: ARNOULD-BEHAR, Caroline; LEMAIRE, André (Org.). **Jérusalem antique et médiévale. Mélanges en l’honneur d’Ernest-Marie Laperrousaz.** Paris: Peeters, 2001, p. 31-48.

RAINEY, Anson F. **The El-Amarna correspondence** – A new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets. Leiden: Brill, 2015.